

De "Lixo" a "Vossa Excelência": As Menções Aos Presidentes em Discursos de Rappers em Angola, Brasil e Guiné Equatorial¹

Francisco Carlos Guerra de Mendonça Júnior²
Universidade Federal de Rondônia

Resumo

Este texto tem como objetivo traçar um comparativo entre os discursos de rappers de Angola, Brasil e Guiné Equatorial sobre a figura dos presidentes dos seus respectivos países. A partir desses discursos, buscamos compreender os limites da liberdade de expressão nestes países. No Brasil, optamos por estudar a música "Ei Presidente" do rapper GOG, publicada em 2000. Na Guiné Equatorial, optamos pela letra "Carta Al Presidente" de Negro Bey, lançada em 2013. De Angola, analisamos a música "Apedrejei o João Lourenço", publicada em 2021. Faz-se uso a análise de discurso de Pechêux (1990), que busca compreender os signos do que está materializado no texto. Para tal, faz-se necessário contextualizar os cenários políticos dos países estudados.

Palavras-chave

Rap, presidente, Brasil, Guiné Equatorial, Angola.

Introdução

O hip-hop é um movimento constituído por quatro elementos fundacionais, nomeadamente o break dance, o MC, o grafite e o DJ. A partir da junção dos elementos MC e DJ, forma-se o rap, a vertente musical do hip-hop. Filho (2004) pontua que as diretrizes basilares do movimento surgiram nos Estados Unidos, mas as suas origens vêm do continente africano, especificamente do Mali. Neste local, surgiu a tradição dos sábios mensageiros griots, que transmitiam o conhecimento em celebrações em torno da fogueira, por meio do canto. Essa tradição foi espalhada nos locais onde os africanos e seus descendentes foram levados forçadamente. Gilroy (2001) afirma que foi constituído um Atlântico Negro, espaço de partilha de bens culturais entre africanos e afrodiáspóricos. A música, segundo Gilroy (2001), é a forma de comunicação mais popular neste Atlântico Negro, sendo o rap a sua vertente mais recente.

Foi somente no final dos anos 1980 que o hip-hop, como movimento constituído, chega ao continente africano. Apesar da gênese africana do hip-hop, os rappers de países

¹ Trabalho apresentado no GP 02 Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico no 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia, onde também exerce a função de chefe do Departamento Acadêmico de Comunicação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado). Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra. Líder do Bloco de Ações em Rap, Rádio e Ausências Sonoras (BARRAS), grupo de pesquisa certificado no CNPQ.

como Angola e Moçambique afirmam, em entrevistas anteriores para o autor desta pesquisa, que resolveram expressar-se no rap por influência dos Estados Unidos. Santos (2019) entrevistou pioneiros do hip-hop em Angola, que relataram ter iniciado no movimento, por influência de filmes de break dance estadunidenses, algo semelhante ao que também aconteceu no Brasil. Em países como Guiné-Bissau e Guiné Equatorial as primeiras expressões do hip-hop só iniciaram no final da década de 1990.

Mitchell (2002) pontua que o rap emergiu como uma música politizada, que denuncia as causas sociais dos contextos em que estão inseridos. Analisamos, neste artigo, especificamente uma vertente de críticas diretas e nominais aos presidentes. Observamos as críticas direcionadas a presidentes em três contextos, para refletir sobre a liberdade de expressão e as retaliações vividas pelos artistas. Escolhemos os rappers Negro Bey, de Guiné Equatorial; GOG, do Brasil; Mbonzo, de Angola. No caso de GOG, trata-se de uma música com críticas a Fernando Henrique Cardoso, já que naquele período as críticas ao presidente eram mais enfáticas do que no período atual, onde há um governo de centro-esquerda.

Metodologia

Toda pesquisa inicia em uma pergunta-chave. Nesta, em específico, a pergunta é: “Quais os riscos sofrem os rappers de Angola, Brasil e Guiné Equatorial quando tecem críticas aos presidentes?”. As escolhas dos países ocorrem devido ao fato de serem locais que têm o português como língua oficial, apesar dessa adoção ser questionada na Guiné Equatorial. Além disso, Guiné Equatorial e Angola são os países que vivenciaram prisões de rappers devido as suas letras, o que traz contribuições para pensarmos as resistências e as censuras na afrodíaspóra através do rap. Assim, faz-se um comparativo com o Brasil, maior país entre aqueles que detém a língua portuguesa.

Foram escolhidos três rappers, um de cada país. A comparação envolve um rapper brasileiro com dois artistas africanos que escreveram em contexto de ditadura. A escolha desses artistas se deu porque eles mencionam os presidentes de forma direta, algo incomum nas músicas de outros artistas, onde-se devido a vertente poética do rap, opta-se geralmente por metáforas ou analogias. Outro critério foi o de selecionar aqueles artistas que promovem ações sociais, para além de cantar. Mbonzo tem um histórico de organizar passeatas contra o regime de Angola. GOG é criador da Casa GOG, instituição que realiza formação educativa para jovens carentes. Já Negro Bey publicou um livro em que cataloga e divulga os rappers interventivos da Guiné Equatorial. A partir das letras

dos artistas, busca-se analisar diferentes signos possíveis de serem proferidos considerando as liberdades que são concedidas aos ativistas que divergem das ideias governamentais.

Como também sou rapper, há uma facilidade de contato com os artistas. Assim, a observação participante é uma metodologia utilizada (MÓNICO, ALFERRES, CASTRO & PARREIRA, 2017). Este método está presente nos eventos que participei como organizador e debatedor que contaram com as presenças de Negro Bey, GOG e Mbonzo. Os dois primeiros participaram do Festival Decolonial de Rap em 2020, que promovi de modo online. Já GOG e Mbonzo estiveram juntos em um debate no ano de 2023, quando realizei evento na Universidade de Brasília, junto com a Batalha da Escada. Complementarmente, foram realizadas entrevistas com os rappers, de modo online. Para tal, foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Boni e Quaresma (2005) pontuam que a metodologia das entrevistas semiestruturadas é construída por uma articulação entre perguntas abertas e fechadas. As perguntas fechadas foram sobre as motivações e a ciência de riscos sobre tecer críticas aos presidentes. Já em relação às perguntas abertas, levou-se em consideração dúvidas sobre o contexto e repercussões em cada um deles nos respectivos cenários em que estão inseridos.

Para compreender os sentidos das letras e das entrevistas, faz-se uso da análise de discurso, na perspectiva de Pechêux (1990), que observa não apenas o que está materializado nos textos, mas também busca entender o contexto de fala de cada sujeito, para que seja possível analisar por quais motivos tais discursos foram proferidos. Para atender este quesito, são descritas algumas características dos regimes políticos dos países em que esses artistas nasceram. Não se pode afirmar países em que esses artistas vivem, porque desde 2023 o rapper Mbonzo decidiu emigrar para o Brasil, devido aos constantes casos de prisões e retaliações. Após a breve descrição sobre os contextos políticos, dá-se sequência com a abordagem das letras e das motivações dos rappers.

O contexto político da Guiné Equatorial

Guiné Equatorial é um país governado pelo mesmo presidente, Theodor Obiang, desde 1979. O regime político do país é conhecido por aplicar censuras e controle social. O regime inclusive limita as possibilidades de investimento, a exemplo do fato de ter confiscado 750 milhões de reais de empresas brasileiras³.

³ Conteúdo disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/06/guine-equatorial-retem-r-750-milhoes-em-bens-de-quatro-empresas-privadas-brasileiras.ghml>. Acesso em 22 de junho de 2025.

A mídia também é controlada pelo regime local. Com isso, os veículos que tecem críticas só o fazem a partir da diáspora, como é o caso do *Diario Rombe*. O idealizador desse site, Delfin Massoko, esteve no Festival Piauí de Jornalismo no Brasil em 2022 e só teve o seu nome mencionado no dia da palestra, como forma de evitar algum ataque do regime da Guiné Equatorial⁴. Em 2017, estive no evento *Activims in Africa*, no qual o ativista dos direitos humanos e escritor guineano Juan Tomás Ávila iniciou a sua participação em uma palestra se desculpando por não ter sido anunciado e perguntou em tom de brincadeira se as pessoas queriam ouvi-lo. Ele justificou que não poderia ser anunciado porque está sendo monitorado pelo regime de Theodor Obiang.

As censuras ao rap na Guiné Equatorial

Os casos de censura também ocorrem no hip hop. Um exemplo foi a prisão do rapper Adjoguening em 2022, quando passou 45 dias presos. Outro caso ocorreu com Jamin Dogg, que ficou um ano detido em 2017. Outra prisão foi a de Jamin Dogg, que ocorreu em 2017, após publicar a música *Taxistas*, que questiona o governo devido ao aumento de gasolina, que tornava inviável os trabalhos dos taxistas. Assim, Dogg construiu uma letra afirmando que se tratava de uma contradição, já que a Guiné é um país produtor de petróleo⁵. Há suspeitas de que Dogg teria sido torturado na prisão e por isso havia desenvolvido sequelas, que o impediram de continuar com a mesma intensidade nas rimas. Jamin Dogg é um artista que possui uma ligação muito próxima com Negro Bey, tendo realizado parcerias musicais com o artista, a exemplo das músicas *Memórias* em 2013 e *Pandemia* em 2020.

O ativista Juan Tomas Ávila afirmou, em entrevista online, no âmbito desta pesquisa, que as prisões não ocorrem de modo muito claro, mas sim por interpretações do governo, sobre mensagens que possam ser consideradas danosas.

A música *Carta Al Presidente*, de Negro Bey

O rapper Negro Bey é conhecido no cenário musical da Guiné Equatorial por tecer críticas sobre questões políticas, mas afirma que busca fazer com responsabilidade para

⁴ Conteúdo disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/um-pequeno-jornal-contr-a-uma-ditadura-de-43-anos/>. Acesso em: 22 de junho de 2025.

⁵ Conteúdo disponível em <https://www.europapress.es/internacional/noticia-policia-guinea-ecuatorial-detiene-malabo-rapero-apoyaba-huelga-taxistas-20170527060526.html>. Acesso em 22 de junho de 2025.

evitar repressões. Ou, caso exista-as, o rapper quer se munir de aparatos que comprovem a sua inocência, para que seja possível acionar órgãos internacionais de defesa aos direitos humanos. Desse modo, a opção é por ter um discurso responsável.

Carta Al Presidente é uma música gravada em 2013, no qual Negro Bey relata temas como fome, prostituição de menores, pobreza e falta de energia. Ele escreve uma carta musicada direcionada ao presidente, Theodor Obiang, no qual afirma que espera por uma resposta: “Un ciudadano en frente presento inquietudes si usted me lo permite y espero su respuesta señor presidente”. O trecho pode ser traduzido como “Sou um cidadão. Apresento preocupações se você me permitir e aguardo sua resposta, Senhor Presidente”. Apesar das críticas contundentes que o artista utiliza sobre o quadro social de Guiné, pode-se observar que ele faz uso de termos respeitosos para se referir a Theodor Obiang, a exemplo de “Su Excelência” (traduzido como Sua Excelência) ou mesmo realizar “Mis cordiales” (traduzido como meus cordiais cumprimentos). O artista afirma, em entrevista, que busca tratar todas as pessoas de forma respeitosa.

Todas as pessoas, independentemente de onde vivam, têm o direito de serem respeitadas. Isso não impede que, se eu precisar dizer verdades específicas, não o faça com todo respeito. Minha reivindicação vai além disso, portanto, devo respeitar, cumprimentar devidamente e prestar as homenagens que são merecidas, contudo, também preciso dizer que, apesar de tudo isso, há erros sendo cometidos, há coisas que não estão corretas, e nós, como jovens, estamos testemunhando isso e precisamos que as coisas mudem no sistema (NEGRO BEY, entrevista julho de 2023, tradução nossa).

Outro aspecto que o artista demonstra tanto em sua canção como também na entrevista concedida 10 anos depois do lançamento da música é a preocupação em pontuar que não pretende ser um candidato a presidente. Na música, o artista versa que

Desinformación a la población.. sin duda lo llamo conspiración a la nación.. procuran si la política fuera la vocación de los que torturan entonces votamos en desesperación. Apunta Señor presidente yo no soy un político nunca quise ser presidente creo q me explico espero que le llegue mi carta, que lea mi carta juguemos a las cartas de la madre democracia (NEGRO BEY, 2013, faixa 6).

Nesse trecho, logo depois de afirmar que a política é a vocação de quem tortura, ele opina que os governantes aplicam a desinformação para a população e complementa dizendo ao “senhor presidente” que não é um político, bem como não deseja pleitear futuramente um cargo eleitoral. Na entrevista, ele reforça:

Não quero ser presidente (...) não sou político. você entende? Então, não me importo se tivermos que remover aqueles que eu quero. Não, não é isso. Esse não é o meu movimento. Meu problema é que eu quero que a sociedade melhore, se pudermos melhorar a situação social das pessoas que representamos. Tudo é melhor para todos, mesmo que você seja presidente por 1000 anos e tenha sido parlamentar, eu não me importo nenhum pouco. Mas se você sabe que tem uma responsabilidade a assumir na sociedade e não está fazendo isso, você não está cumprindo essa responsabilidade, mesmo estando lá por esse motivo, para um cargo específico. A sociedade que agora quase te protege é a mesma que te coloca naquelas que te jogam fora amanhã. Então, uma vez que votamos, temos o direito de exigir, como cidadãos deste lugar. E cobrar as obrigações que eles têm que cumprir. É o que penso e não vou fazê-lo de forma rude. Farei com todo o respeito, mas sim exigir diante de vocês (NEGRO BEY, entrevista, julho de 2023, tradução nossa).

A preocupação em pontuar que não é um eminente candidato à presidência é justificada pelo fato do regime de Obiang ter um histórico de realizar prisões a militantes de partidos de oposição. Em 2013, ano de lançamento da música, nove ativistas foram presos por tentarem construir um partido de oposição⁶. Em 2018, o partido CI foi dissolvido, além de terem sido presos mais de 20 de seus militantes⁷.

As censuras ao rap no Brasil

Os primeiros álbuns de rap foram lançados em 1988: *Cultura Urbana* e *Consciência Black*. Naquele período, o Brasil vivenciava a luta pelas Diretas Já, logo após ter superado 21 anos de Ditadura Militar (1964-1985). Já nas primeiras gravações, pode-se observar denúncias contra a corrupção, a violência policial e o racismo. Houve casos de retaliação, sobretudo a artistas que faziam críticas diretas ao papel da polícia em suas músicas. O rapper Big Richard foi detido em 1994 por realizar críticas policiais e solto após pagar fiança. No mesmo ano, a polícia invadiu um show dos Racionais por conter letras com críticas a violência policial. Em 1999, o grupo Facção Central teve a música *Isso Aqui é uma Guerra* censurada, por suposta incitação a violência.

O rap de GOG

Em meio a um cenário de efervescência do hip-hop, o rapper GOG, natural de Brasília, lançou a música *Ei, Presidente*, no ano 2000. O alvo de GOG é o então presidente Fernando Henrique Cardoso, o FHC. GOG faz uso de termos como “sujo”, “podre” e

⁶ Conteúdo disponível em: <https://www.amnistia.pt/oposicao-na-guine-equatorial-alvo-de-intimidacao/#gref>. Acesso em 09 de junho de 2025.

⁷ Conteúdo disponível em: <https://www.rfi.fr/pt/20180227-principal-parti-dopposition-dissous-guine-equatorial-partido-de-oposicao-dissolvido-e-milit>. Acesso em 09 de junho de 2025.

“lixo” para definir FHC. O artista versa que a postura política de FHC é contrária ao histórico de militância dele: “Ei, presidente, li um dos seus livros/ Um best seller do socialismo/ Confissões, relatos sinceros/ Um defensor da foice e do martelo/ Ham Parecia, só parecia/ Deixou pra trás a rebeldia/ Pra assumir de vez a bandeira da covardia”. Questionado via whatsapp se havia um objetivo de atingir diretamente o presidente da república, GOG afirma que isso era secundário. “Então, foi um texto direto de alguém que tinha uma representatividade. E que estava falando e que, por acaso, poderia chegar ao presidente ou a sua assessoria. Mas o mais importante era falar realmente com a nossa comunidade”. (GOG, entrevista, 07 de junho de 2025). Perguntado ainda se já foi interpelado por algum político, devido as suas críticas, GOG afirma que a assessoria do então governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, o ligou após a gravação da música *Fogo no Pavio*, onde crítica o político.

O único, na história, assim. A única autoridade política que procurou, né? A única entidade política foi a assessoria do Arruda, né? Quando eu escrevi *Fogo no Pavio*, ali. Pertinho, né? 1999. A assessoria daí ligou, perguntando o que que eu queria. Qual que era o problema que eu tinha com o Arruda. Eu falei, não tenho nada a não ser uma cobrança. Ele como um político, né? Que não estava cumprindo o seu papel, servidor público. Mas o Fernando Henrique, não. (GOG, entrevista, 07 de junho de 2025).

Apesar das ligações da assessoria de Arruda, GOG escreveu a música *Brasil com P* com novas críticas ao governador e se inspirou para continuar tecendo críticas a políticos a nível distrital e nacional, abordando temas como corrupção e fome.

O contexto político de Angola

Angola é um país independente desde 1975. Desde então, apenas o Movimento Pela Libertação de Angola (MPLA) esteve no poder. Entre 1975 e 1992, não houve eleições e o país também vivenciou intensa guerra, entre o MPLA e a força de oposição, denominada União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita). Houve acordo de paz e eleições em 1992, mas os conflitos foram retomados e a Guerra só foi finalizada em 2002. Ao longo da história, apenas três políticos assumiram a presidência: Agostinho Neto (1975 a 1979), José Eduardo dos Santos (1979 a 2017) e João Lourenço (desde 2017). Os regimes dos três são marcados por prisões de opositores e controle da mídia. No período de mandato de Agostinho Neto, houve o episódio sangrento em 27 de maio de 1977, no qual antigos ex-apoiadores de Neto e membros filiados ao partido foram

assassinados acusados de fraccionismos, devido a manifestação liderada pelo ex-ministro do interior Nito Alves (MATEUS & MATEUS, 2007).

O regime de José Eduardo foi marcado por prisões a oposicionistas. Durante o período da Guerra Civil, havia justificativa da luta pela paz. Todavia, entre os episódios mais recentes podemos destacar a prisão dos ativistas denominados 15+2, em que 17 ativistas ficaram presos por um ano, por estarem debatendo um livro e foram acusados de atos de rebelião. Entre eles, quatro são rappers.

Quando assumiu o poder, João Lourenço prometeu posturas mais democráticas e demitiu os filhos do ex-presidente José Eduardo dos Santos da gerência dos veículos de comunicação e até se reuniu com ativistas críticos do MPLA, como o rapper Luaty Beirão, nome mais famoso do caso 15 + 2. Apesar das promessas, há casos de violação de direitos durante a gestão de João Lourenço. Entre elas está a morte de Inocêncio de Matos, em 11 de novembro de 2020, que ocorreu durante manifestação civil.

O rap de Mbonzo Lima

Mbonzo é rapper do Movimento Hip Hop Terceira Divisão, grupo que tece críticas ao regime do MPLA. Dois membros do Terceira Divisão estiveram entre os 17 ativistas presos no caso 15+2, nomeadamente Cheick Hata e Samussuku. Mbonzo não esteve entre os ativistas presos naquele caso, mas sofreu outras sanções futuras. O artista afirma, em entrevista, que em 2020 foi detido e julgado junto com o ativista Cheick Hata. No ano anterior, o também membro do Terceira Divisão, Samussuku, havia sido raptado junto com a sua mãe. Em 2021, Mbonzo lançou a música *Apedrejei o João Lourenço*, em uma referência direta ao presidente de Angola: “Fizeram da Angola novo el dourado/ Prego no pão, o prego é o João/ Presidente é um sacana”. No refrão, o artista ainda canta: “Apedrejei o João Lourenço/ Apedrejei o MPLA/ Apedrejei o parlamento, porque comem do mesmo pão”.

Observa-se que Mbonzo Lima tece críticas nominais ao presidente João Lourenço. Ele afirma que recebeu telefonemas de ameaças, de pessoas ligadas ao governo. O artista participou de um evento que organizei em 2023, na Universidade de Brasília, para debater sobre a liberdade de expressão em Angola, Brasil e Moçambique. Mbonzo afirmou que as retaliações deram ainda mais fôlego para realizar críticas. Todavia, preferiu se transferir para o Brasil, em 2023, onde era possível aceder ao trabalho formal. Ele ainda escreveu a música *Contra-Ataque* com novas críticas a João Lourenço, mas preferiu divulgá-lo somente depois de vir ao Brasil.

Análise sobre a liberdade de expressão

Ao analisar as letras dos três artistas aqui estudados, observamos que o discurso de Negro Bey é mais formal e respeitoso, em relação aos demais. Negro Bey, é a de ser polido em suas críticas. A análise de discurso na perspectiva de Pêcheux (2000) é fundamental para entender os signos para além do que foi materializado, porque em uma análise fora do contexto político seria possível entender que ele não seria tão crítico como são os rappers do Brasil, onde se há uma maior liberdade de expressão. Todavia, ao perceber o contexto, trata-se de uma das poucas estratégias possíveis de serem feitas sem sofrer as mesmas retaliações do seu amigo e parceiro musical Jamin Dogg, que criticou o regime de forma mais direta.

Como reforço deste argumento, percebermos que GOG escreveu a música “Ei Presidente”, no mesmo período em que houve censura a rappers, como foi o caso do grupo Facção Central, que teve a música “*Isso Aqui é Uma Guerra*” proibida de ser veiculada na televisão. Apesar de haver casos de restrições, não há um risco iminente de prisão, como ocorreu na Guiné Equatorial com Adjoguening e Jamin Dogg. Mesmo aqueles rappers que vivenciaram detenções e tiveram repercussão pública, como são os casos dos Racionais MC’s e Big Richard (atualmente professor universitário) foram detenções rápidas que duraram algumas horas. Já no caso da Guiné, a prisão de Jamin Dogg durou um ano, tendo suspeitas de torturas.

Em Angola, além de terem sido presos quatro rappers por estarem debatendo um livro em 2015, as prisões também abrangeram intelectuais da área da Comunicação, que são conhecidos por tecerem críticas ao governo. Sendo esses os casos de Sedrick de Carvalho e de Domingos da Cruz, que realizou pesquisa de mestrado sobre os casos de censura aos meios de comunicação em Angola. No livro, o autor mostra através de relatos e dados as violações sofridas pelos jornalistas que investigam o governo.

Apesar de o presidente João Lourenço ter prometido maior liberdade de expressão, há casos de prisões ocorridas exclusivamente, por tecerem críticas ao mandatário, como ocorreu com a ativista Neth Nahara em 2023. Já no ano de 2024, os ativistas Neth Nahara, Tanaice Neutro, Gildo das Ruas, Pensador e Adolfo Campos também foram presos por criticarem o MPLA, tendo sido soltos apenas em 2025. Assim, percebe-se restrições mais acentuadas na Guiné e em Angola, do que no Brasil.

Conclusões

Observa-se que, mesmo o Brasil sendo um país com desigualdades sociais e violências policiais, há maior possibilidades de críticas do que nos demais países africanos abordados. Tanto na Guiné Equatorial como em Angola os seus respectivos presidentes realizam prisões aos seus críticos, sem critérios pré-estabelecidos.

No caso de Angola, há possibilidades de prisões, torturas ou até mesmo assassinatos. A morte não é apenas uma suposição. Em 2003, o lavador de carros Arsénio Sebastião “Cherokee” foi morto por estar cantando uma música com críticas ao MPLA, de autoria do rapper MCK. Diante dessas repressões, a estratégia de emigrar e criticar a partir da Diáspora é uma possibilidade no caso de Angola. Já na Guiné Equatorial percebemos a utilização de um discurso que seria considerado mais comedido, caso fosse interpretado fora do seu contexto. No entanto, trata-se de uma ousadia, a partir da percepção do local em que o rapper fala.

Entendemos que tanto na Guiné Equatorial, como em Angola, há diversas violações de direitos humanos, que devem ser mais estudadas fora desses países, já que as universidades locais também são controladas pelos regimes ditatoriais.

Referências

BONI, V.; QUARESMA, S. J.. Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC**, volume 2, número 1 (3), janeiro-julho/2005, 68-80.

FILHO, L. Hip-hop: Das periferias ao mainstream hip-hopper: Tribus urbanas, metrópoles e controle social. **VIII congresso luso-africano de ciências sociais, tribos urbanas: Produção artística e identidades**, Coimbra, Portugal 127-150, 2004.

MATEUS, D.C. & MATEUS, A. 2007, **Purga em Angola**. Nito Alves, Sita Valles, Zé Van Dunem e o 27 de maio de 1977. Lisboa: Edições Asa.

MITCHELL, T. (org.). **Global noise: rap and hip-hop outside the USA**. Middletown: Wesleyan University Press, 2002.

MÓNICO, L., ALFÉRES, V., CASTRO, P., PARREIRA, P. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **6ª Congresso Ibero-Americano en Investigación Cualitativa**, Livro de Anais, volume: 3, Salamanca, Espanha, 2017.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora Unicamp, 1990. p. 61-163.

SANTOS, J. L. **Imaginando uma Angola pós-colonial: a cultura hip-hop e os inimigos políticos da Nova República**. 2019. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil, 2019.